

## TODOS OS APARTAMENTOS

J A G O M A R

**José Alexandre Gomes Marino**

Escola de Belas Artes

Moro num apartamento privilegiado, no oitavo andar do Edifício América. Há outro edifício bem em frente, que se presta como verdadeiro cinema para espectadores atentos como eu. Além da vantajosa localização, tenho uma luneta de longo alcance, comprada a prazo às custas de grandes sacrifícios. Trabalho numa humilde loja de eletro-domésticos, emprego que proporcionou-me instrumento tão maravilhoso. Sinto-me plenamente satisfeito e feliz, apesar dos longos meses de fome que passei para pagá-lo.

Nosso bairro é pobre, o que me traz certas vantagens. Este conjunto foi construído para abrigar os moradores de uma grande área desocupada há tempos atrás. Por isso os prédios encontram-se em tão mau estado, sujos e feios. E vão continuar assim. Nos bairros ricos, a prefeitura cuida das ruas, planta árvores e exige dos moradores a máxima conservação, além de proibirem roupas nas fachadas e coisas assim. Aqui, não. O governo construiu os prédios, a prefeitura trouxe-nos para cá e não se preocupou mais conosco. Só se lembra de nós para receber impostos. Temos muitos problemas, mas pouca importância. Vocês moram às nossas custas, ouviu certa vez na prefeitura um dos moradores. Ignoramos, para que os ignoremos. Por tudo isso, os prédios são tão mal-cuidados. Não existem cortinas nos apartamentos, os mais envergonhados (ou incomodados com o sol) colam jornais nos vidros que ainda estão inteiros.

Mas, devo dizer, sou feliz. Quase nunca converso com os vizinhos e nunca fui à prefeitura fazer reclamações. Vivo em paz na minha solidão. Detesto pessoas, por isso odeio tanto meu emprego na loja. Mas minhas noites compensam meus dias.

Daqui desta janela tenho uma visão panorâmica de todo o edifício em frente. Por toda noite vejo, nos diversos apartamentos, desatentas ou indiferentes mulheres nuas ou semi-nuas, relações sexuais de todas as formas e mesmo coisas menos interessantes como brigas, cenas de histerismo, velórios. Até parto já vi.

Sei que seria possível assistir a tudo isso sem a luneta, devido à proximidade entre os prédios. Mas a luneta traz muitas outras vantagens. Se um casal faz sexo com as luzes apagadas, a luneta permite divisar-lhes os movimentos: a aproximação compensa a falta de luz. Se houver lua, então, a visão torna-se quase perfeita. Além disso, posso observar atentamente os mínimos detalhes. Sempre que há uma mulher nua na mira, divirto-me observando suas formas, aproximando e afastando a imagem, prendendo-me mais nos órgãos sexuais, o que me dá a impressão de possuí-la à distância. Essa prática me excita e fascina.

É claro que tenho minhas janelas preferidas. Um casal do sexto, por exemplo. Eles vão para a cama várias vezes, a partir do momento que começo a observar, e sempre usam de grande imaginação em suas relações. É quando a luneta torna-se mais útil na minha observação. Vejo-os detalhadamente, com o máximo de aproximação, percorrendo-se com línguas e dentes. Depois de assisti-los várias vezes, já explodindo de excitação, masturbo-me enquanto eles rolam na cama pela quinta ou sexta vez. Sinto que meu orgasmo é mais violento que o deles. Depois disso, tomo banho e vou dormir.

Nas diferentes janelas, posso escolher entre salas, banheiros, copas, além de quartos. Aos domingos, durante o dia, ou mesmo à noite, quando estou saturado de cenas eróticas, procuro outros tipos de imagens. Se não há nada de diferente acontecendo nos apartamentos, geralmente procuro um aparelho de televisão. É lógico que as cenas sexuais ocupam a maior parte de meu tempo de observação, mas disponho de todas essas opções. O edifício é todo um mundo que tenho em meu poder, bem à minha frente,

nos meus braços. Com as coisas que ele me proporciona, mais a luneta, transformo-me no mais criativo dos cineastas, embora meus filmes só sejam visíveis por mim próprio e exibidos apenas uma vez.

Minha grande paixão é uma linda morena do quinto andar. As vezes ela parece entrar em transe. Dona de um corpo perfeito, despe-se no início da noite e, à luz de um abajur, deita-se e contorce-se em movimentos sensuais durante longo tempo. Não sei que forças estranhas a levam a comportar-se assim. Talvez a ausência de um ou outro homem. Várias vezes presenciei suas relações, nem sempre com o mesmo companheiro. Confesso que a prefiro assim, sozinha, em visível desespero, o corpo ardendo em fogo, insatisfeita por copular apenas com fantasmas. Vibro quando, explosiva, ela percorre as mãos espalmadas em suas perfeitas formas, em vã tentativa de gozar por todos os poros. Normalmente, adormece exausta horas depois, para despertar durante a madrugada, apagar a luz e voltar a dormir. Já tive oportunidade de passar noites em claro a observá-la, estagnado. E quando me passou pela cabeça a idéia de procurá-la, para talvez cobrir as ausências que assim a martirizassem, acabei por decidir-me pelo contrário: acredito que se de fato o fizesse, dificilmente eu teria um prazer tão intenso a ponto de compensar a perda dessa cena maravilhosa.

Gostaria de saber como se chama. Assim, sussurraria seu nome ao possuí-la à distância. Afinal, eu a amo. Mas o nome verdadeiro não é tão importante. As vezes a trato por Tânia, Lara, Ana ou Lourena, conforme nosso estado de espírito, conforme tiver sido nosso dia.

Ela entra no quarto agora: ajusto a luneta para bem próximo. Tânia senta-se na cama, despe-se lentamente. Parece clamar por minha presença. Vou aproximar-me ainda mais, para sentir bem de perto seus sussurros, Tânia.

Cerra os olhos. Talvez se lembre de um ou outro homem, o que para mim não importa, pois qualquer que seja sempre me coloco no lugar dele. Tânia vai sentir seu (meu) corpo incendiando-se nas chamas que ela libera em cada movimento. Ou talvez sinta novamente as lágrimas escorrendo pelo rosto quando lem-

brar-se daquela porta batendo contra seu desespero. De seu salto em silêncio contra a porta. Seu homem a fechara na saída, um segundo antes. Dizendo: não, Tânia, eu vou mesmo embora. Tânia sente ainda a madeira pressionando seu corpo, em tentativa ao mesmo tempo de atirar-se no corredor e lutar com todas as forças para não girar a maçaneta.

Mas os amores de Tânia podem ter outras histórias. Assim, enquanto seus dedos excitam seu corpo, ela pode estar se devolvendo outros momentos e despedidas.

Devolvendo à outra metade de sua cama uma presença impossível. Alguém chamado Josias. Tânia chega a falar-lhe: não acredito que você tenha ido embora; por favor, não saia nunca mais de meu lado. Nesse momento, ela estremece. Mas qualquer manifestação de seu corpo é inútil, pois jamais terá de volta Josias; Josias morto há tempos, enquanto trabalhava, num instante em que talvez tenha desviado para ela seu pensamento. Nem trará de volta o filho perdido, depois de ler a notícia, por acaso, numa banca de jornal.

Não, Tânia nunca teve um filho, nunca esteve grávida. Suas formas convencem-me disso.

Josias pode tê-la deixado decidido a não revê-la. Nesse caso, ele seria um artista frustrado. Depois de Tânia posar para ele dezenas de vezes, Josias descobriu que jamais conseguiria reproduzir suas perfeitas formas. Assim, desapareceu um dia, deixando um recado: «Tânia: preciso caminhar firme em frente. Mas você desvia minha rota e eu me confundo. Quero perdê-la de vista. Talvez um dia eu volte. Principalmente se eu atingir as páginas dos jornais. Adeus. Josias».

Mas talvez ela não sinta falta de seus amores. Simplesmente pela sua capacidade de levar para dentro de si a essência de todos os homens. Ou entregar-se a todos, como se entrega a mim agora.

A imagem dessa mulher me alucina. Por isso, enquanto a observo, crio suas histórias, como se ela as necessitasse. Mas, na verdade, basta-me que Tânia esteja assim bem próxima, enquanto meu desejo permite-me possuí-la.

Tânia levanta-se. Já deve ser muito tarde. (Vou chegar atrasado à loja amanhã). Caminha e debruça-se à janela, ainda nua. Vejo nítidas lágrimas em seus olhos. Elas escorrem até os lábios e Tânia cobre o rosto. Nunca esteve assim antes.

Agora, olha para baixo. Não é muito alto. Talvez pense em saltar e acabar com tudo de uma vez por todas. Não faça isso, Tânia! Há pouco movimento na rua, vejo sem a luneta. Tânia!

Atira-se no espaço e acompanho sua trajetória. Mas fecho os olhos antes que ela atinja o chão: não quero guardar a lembrança de seu corpo destruído pelo asfalto.

Amanhã, será Tânia que atingirá as páginas dos jornais. Só em ocasiões assim nossa gente consegue ser notícia.